

A Construção Cotidiana de Currículos na EJA: das Experiências de Educação Popular e Radiofônica às Práticas Emergentes

The Daily Construction of Curricula in EJA: From Popular and Radio Education Experiences to Emerging Practices

Recebido: 04/05/2023 | Revisado:
20/05/2023 | Aceito: 22/05/2023 |
Publicado: 29/06/2023

Fabiola Maria Dantas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1285-3751>

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

E-mail: fabiolamariadantas@gmail.com

Francisco Canindé da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5089-284X>

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

E-mail: caninprof@hotmail.com

Como citar: DANTAS, F. M.; SILVA, F. C.;
A Construção Cotidiana de Currículos na
EJA: das Experiências de Educação
Popular e Radiofônica às Práticas
Emergentes. *Revista Brasileira da
Educação Profissional e Tecnológica*,
[S.l.], v. 1, n. 23, p. 1-17, e15054, Jun.
2023. ISSN 2447-1801.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 Unported License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Resumo

As experiências vivenciadas no passado podem oferecer soluções criativas para resolução de problemas atuais. Este trabalho versa sobre como as experiências das escolas radiofônicas de Natal/RN (1958) e do Movimento de Educação de Base (1963) em Caicó/RN, influenciaram na criação e operacionalização do programa radiofônico *EJA em Ação*, idealizado em tempos de pandemia como meio de esperar a continuidade dos estudos dos sujeitos da EJA na 10ª Diretoria Regional de Educação, Cultura e Esportes/RN. Professores e estudantes participantes do referido programa, *pensarampraticaram* currículos a partir dos cotidianos vivenciados localmente, aproximando saberes científicos e populares, objetivando a emancipação e democratização do ensino, de maneira inclusiva e solidária.

Palavras-chave: Currículos pensadospraticados; EJA; Escolas radiofônicas; Programa EJA em Ação; Pandemia.

Abstract

Experiences lived in the past can offer creative solutions to solve current problems. This work deals with how the experiences of the radio schools in Natal/RN (1958) and the so called Movimento de Educação de Base (1963) in Caicó/RN influenced the creation and implementation of the radio program *EJA em Ação*, idealized in times of pandemic as means of hoping for the continuity of the studies of EJA subjects at 10ª Diretoria Regional de Educação, Cultura e Esportes/RN. Teachers and students who took part of the referred program thought-practiced curricula based on the daily life experienced locally, bringing together scientific and popular knowledge, aiming at the emancipation and democratization of teaching, in an inclusive and solidary way.

Keywords: Thought-practiced curricula; EJA; Radio Schools; Program EJA em Ação; Pandemic.

1 INTRODUÇÃO

Ainda assim acredito
Ser possível reunir-mos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Num outro nível de vínculo
Tempo, tempo, tempo, tempo
(VELOSO, 1979)

As tessituras feitas no tempo especulam promessas para o emote, em que linhas se enlaçam, costuram, rompem e ressignificam o fazer de outras histórias. São urdiduras traduzidas em experiências, que se reinventam como se retomadas, ou ainda, que nos servem como inspiração para a criação, nos movimentos de aproximação e distanciamento de práticas e interpretações. “Tempo, tempo, tempo, tempo” que vai trançando linhas multicoloridas no bailar das primaveras, de texturas diversas, que costuram os sentimentos aos fatos, ora de saudade, ora de resignação, ora de impulsionamento de lutas, porque elas também bordam, artesanalmente, a vida.

A escola é a emote vida, como nos inspira Paulo Freire, que pulsa nas relações que se tecem com sorrisos, cheiros, negociações, conflitos, disputas, amizades... no emot, nas salas, nos diversos espaços, mas por não possuir raízes e interesses na educação do povo, vem negando esse direito historicamente aos filhos e filhas das classes populares. O acesso e permanência dos mais pobres à educação escolar ainda se configura enquanto desafio, pois as taxas de emote, evasão/expulsão e fracasso delineiam cenários que emo em discussão a hipotética democratização escolar, que mais exclui que promove. No entanto, há movimentos que inspiram, no campo curricular da EJA, a tessitura de outros currículos com rastros emancipatórios e colaborativos: pesquisas que, como fagulhas de esperança, capturam os pequenos acontecimentos cotidianos traduzidos em forças contra hegemônicas que, aos poucos, proliferam-se e fomentam transformações em meio a tensões e disputas de poder, próprias do campo curricular.

A discussão que trazemos nesse artigo anuncia a potência da educação popular, o movimento vital que subverte a lógica hegemônica com preceitos democratizantes de educação para/com o povo. A tecnologia radiofônica, que emerge no emote da pesquisa enquanto proposta de atendimento educacional de longo alcance em tempos de pandemia, tornou-se terreno fértil, propício às criações curriculares na/com a EJA. Mesmo submetido a modificações, próprias das exigências de cada tempo, dilatando-se em tecnologia digital a serviço da educação de homens e mulheres, jovens, adultos e idosos, o emot também funcionou como ferramenta educacional oportunizando o emote emote.

2 O RÁDIO COMO TESSITURA CURRICULAR NA EJA: EXPERIÊNCIAS E LATÊNCIAS

Ao mergulharmos na História da Educação Brasileira, encontramos o início das atividades de radioeducação confundido ao da radiodifusão. Apesar de Horta (1972, p. 74) destacar que “o termo radiodifusão abrange a radiodifusão sonora e televisão”, nessa pesquisa, assumimos o termo radiodifusão apenas tocante ao uso do rádio, ampliando-se com uso da imagem via redes sociais com aplicativos de videoconferência utilizadas no programa *EJA em Ação*, compreendendo que

a rádio, como nunca antes, é muito mais que somente rádio. Muito mais que apenas um canal e uma linguagem sonoros, muito mais que unicamente uma dimensão auditiva para a transmissão de sons e informações. É também um estímulo múltiplo que, embora se inicie com a escuta, deve mudar para outras dimensões sensoriais em que intervenham mais sentidos (GÓMEZ, 2010, p. 10-11).

Em um movimento inicial, nos deparamos com a figura robusta de Edgar Roquette-Pinto (1884-1954), “[...] antropólogo, etnólogo, médico, poeta e compositor, [...] essencialmente educador” (TAVARES, 1997, p. 01), precursor da radiodifusão educativa no Brasil. Misturando sonho, paixão e desejo em construir um país menos desigual, Roquette-Pinto foi um defensor da igualdade racial e desbravador dos sertões do oeste brasileiro, em companhia de Marechal Rondon (MARTINS, 2010), e idealizou a educação em massa do povo brasileiro através do rádio: tecnologia que não exigia grandes investimentos financeiros e possibilitaria a educação de milhares.

Em 1923, Roquette-Pinto fundou, com outros colaboradores, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro com fins educacionais, tornando-se um marco importante na história da educação brasileira. Com sede na Escola Politécnica, suas expectativas intentavam transmitir programas radiofônicos que educassem o povo, ou seja, que contribuíssem com a alfabetização. Para alcançar esse propósito, idealizou o projeto de rádio escolas nos Estados brasileiros, e em alguns municípios limítrofes, no intuito de propagar os ideais de educar o povo a baixo custo. Para isso, bastaria mobilizar a sociedade em prol da educação para o povo – cada um partilhando o que sabia –, localmente, considerando as especificidades regionais e a doação de um rádio pelo governo a cada brasileiro para acompanhamento da programação (HORTA, 1972).

Esses planos emergiram em meio aos movimentos culturais, intelectuais e políticos daquela época, inclusive as reformas educacionais que se proliferavam em todo o país que, com o avanço da industrialização, exigia mão de obra minimamente qualificada, portanto, alfabetizada. Segundo Mendonça (2007, p. 29), a radiodifusão educativa surge “[...] com características da educação popular alternativas à escola, considerando, especialmente, o desdobramento dos significados de conceito, forjado na própria prática desta forma de educação”. Nesse sentido, compreendemos que a educação popular era entendida como a educação destinada ao povo, concretizada no enfrentamento ao analfabetismo.

Anos mais tarde, com a introdução da comercialização no rádio, Roquette-Pinto doou a Rádio Sociedade ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), no intuito de evitar a interferência do mercado e da política na programação da rádio, o que inevitavelmente acontece. A Rádio MEC, como passou a ser chamada, sofreu intervenções governamentais no período do Estado Novo (1937-1945) e, assim como a educação brasileira, assumiu características duais na educação, distinguindo programas para a educação do povo daqueles destinados à elite (ANDRELO, 2012). Em 1936, segundo Mendonça (2007), Roquette-Pinto formulou uma proposta de educação popular via rádio, que alcançasse verdadeiramente o povo e que transformasse, em aproximadamente meia década, a condição cultural desse público-alvo.

A História registra inúmeras iniciativas de radiodifusão educativa derivadas do sonho de Roquette-Pinto, por todo o país, em que se inspiraram e originaram escolas radiofônicas e a própria educação a distância. Diante dos altos índices de analfabetismo e da eminente necessidade de escolarização do povo, as escolas radiofônicas se expandiram como possibilidade de alcançar os mais longínquos lugares, com organizações diversas de programas, materiais e avaliações. Nesse contexto, o rádio se solidificou como uma tecnologia a serviço da educação, usado como instrumento em diversas campanhas educacionais no século passado, conservando potencialidades na contemporaneidade.

Interessa-nos destacar nesse trabalho, as experiências das escolas radiofônicas de Natal/RN (1958) e o trabalho desenvolvido pelo MEB que surgiu na década de 1960, através de contrato entre o MEC e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) (MARTINS, 2010). Além de ter servido de inspiração ao programa radiofônico cujos currículos *pensadospraticados* são objeto do nosso estudo, essa última experiência parece ser a de maior duração no contexto brasileiro, ainda em atividade há cerca de 60 anos, apesar dos movimentos progressivos de retração ao longo das décadas e do redirecionamento de sua atuação.

No final dos anos 1950 aos primeiros anos da década de 1960, o cenário mundial foi marcado pelos meandros da Guerra Fria, pelos conflitos derivados da descolonização e pelos movimentos por libertação nacional, o que inspirou a esperança de desenvolvimento econômico e humano dos países então denominados de “terceiro mundo” (GERMANO; PAIVA, 2005). Em algumas regiões, como no Nordeste brasileiro, o povo campestre amargava péssimas condições de vida que se agravavam com as estiagens e a desesperança, negando-lhe a possibilidade de vida digna e em comunidade. Nesta conjunção, a Igreja Católica passou a tecer projetos e iniciativas sociais nas regiões mais vulneráveis social e economicamente, buscando no âmbito educacional maneiras de conscientizar o povo de seus direitos e, conseqüentemente, transformar a situação de miserabilidade e exclusão social.

No Brasil, com o fim da Era Vargas (1930-1945) e em pleno processo de industrialização, urbanização e democratização, o país contava com altos índices de analfabetismo de sua população, com destaque ao povo campestre. Naquele tempo, emergiram diversas experiências educacionais no campo popular e a preocupação com a massa adulta analfabeta se intensificava. O Nordeste brasileiro, região historicamente castigada pela seca e explorada pelos grandes latifundiários, que detinham os meios de produção, o poder político e produziam exclusões, foi celeiro de movimentos populares que emergiam no Brasil.

O movimento da “Liga Camponesa”, originado em Pernambuco, as criações de sindicatos rurais e as articulações estudantis, dentre outros, foram impulsionadas pelas “reformas de base” (GERMANO; PAIVA, 2005) no governo do então presidente João Goulart (1961-1964) e produziram diversas experiências no campo educacional e cultural, preocupadas legitimamente com a formação e libertação do povo.

Nesse sentido, o rádio foi um aliado à proliferação da educação de massa. Algumas experiências radiofônicas proporcionadas pelo Serviço de Assistência Rural (SAR), órgão criado pela Igreja Católica com a colaboração de leigos da Ação Católica (GERMANO; PAIVA, 2005), desbravaram os caminhos para alfabetização de adultos nas escolas radiofônicas de Natal/RN que, posteriormente, fundiu-se ao MEB.

A história vivenciada no Estado do Rio Grande do Norte se tece nas experiências de educação popular das décadas de 1950 e 1960 do século passado. Diferente do resto do país, em que as escolas radiofônicas eram orientadas pelo SIRENA (Sistema de Radiodifusão Educativa Nacional), a experiência de Natal adveio do modelo de base paroquial colombiana, em 1958, trazida para o Brasil através de D. Eugênio Sales, “[...] então administrador apostólico da Diocese de Natal” (CARVALHO; PEIXOTO; PAIVA; AMMANN; CORRÊA, 2009, p. 12).

Em 1958, segundo o que nos contam Carvalho, Peixoto, Paiva, Ammann e Corrêa (2009), as escolas radiofônicas desenvolviam suas atividades por meio da Emissora de Educação Rural na abrangência da Arquidiocese de Natal. Em 1963, as aulas transcendiam esse espaço geográfico chegando às Dioceses de Mossoró e Caicó. O diferencial das escolas radiofônicas de Natal/RN se balizava no rádio, nas aulas da professora-locutora e na ação de acompanhamento do monitor. A professora-locutora planejava as aulas com temas referentes ao campo, como meio de problematizar a realidade vivenciada e a comunicação entre os alfabetizandos, monitores e a professora se dava através de cartas. Esses escritos subsidiavam reflexões importantes para o aperfeiçoamento da prática docente no rádio, pois através deles, os monitores informavam as dificuldades de seus alunos e sugeriam pontos para melhoria do trabalho, como maneira de avaliar e replanejar (CARVALHO; PEIXOTO; PAIVA; AMMANN; CORRÊA, 2009).

A experiência das escolas radiofônicas de Natal/RN se expandiu chegando a Aracaju/SE e essas escolas, que antes só alfabetizavam, passaram também a oferecer continuidade de estudos por meio do “método global”, atendendo aos apelos dos próprios alunos de se alfabetizarem e alcançar maior escolaridade. Carvalho, Peixoto, Paiva, Ammann e Corrêa (2009) relatam que as aulas de alfabetização se davam por meio do método de “*palavração*” em que as palavras eram decompostas em sons e sílabas. Já o “método global”, propagado no Brasil pelo movimento da Escola Nova e utilizado nas escolas públicas do Estado do Rio Grande do Norte na época, consistia na concepção analítica da aprendizagem *do todo para as partes*. A partir dessa concepção, as aulas eram planejadas com base em um tema a ser trabalhado por um mês, que se relacionava com a vida cotidiana dos alunos-ouvintes e possibilitava a problematização da realidade, proporcionando o crescimento individual e coletivo.

Da experiência exitosa das escolas radiofônicas de Natal surgiu a proposta de educação de base pelo rádio: o MEB. Com o convênio firmado entre a CNBB e o governo federal do recém-eleito Jânio Quadros, o MEB tomou amplitude nacional

(CARVALHO; PEIXOTO; PAIVA; AMMANN; CORRÊA, 2009). Nesse contexto, as escolas radiofônicas de Natal se integraram ao Movimento, no entanto

é importante ressaltar que o MEB não anulou o que vinha sendo feito e tampouco trouxe algo pronto para ser implantado. Partindo de sua finalidade do que já existia nas escolas radiofônicas em Natal (RN) e Aracajú (SE), o MEB foi sendo construído num caminhar coletivo. (CARVALHO; PEIXOTO; PAIVA; AMMANN; CORRÊA, 2009, p. 64)

Fundamentado nos ideais de Roquette-Pinto e na metodologia problematizadora de Paulo Freire (CONSANI, 2019), o MEB foi idealizado com o propósito de alfabetizar e fomentar a consciência da população rural de modo que

[...] levasse a camponês uma concepção de vida, tornando-o consciente de seus valores físicos, espirituais, morais e cívicos; um estilo de vida que guiasse seu comportamento nas esferas pessoal, familiar e social; e uma mística de vida que atuasse como uma força interior que assegurasse dinamismo e entusiasmo no cumprimento dos seus deveres e no exercício de seus direitos (PAIVA, 2015, p. 268-269).

Acreditando que a “leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2011, p. 19), o trabalho desenvolvido pelo MEB concebia o processo de alfabetização não restrito ao sistema de codificação e decodificação da língua, mas ampliava a compreensão de alfabetização ao pensamento crítico-reflexivo das relações que os homens estabeleciam com os problemas do mundo e com seus pares.

O posicionamento político-pedagógico expresso pelo MEB ameaçava os interesses da elite da época, inclusive a manutenção dos “currais eleitorais”, sendo considerado “perigoso”. Com o golpe militar de 1968, o movimento de educação popular no país foi sufocado, seus principais líderes presos, mortos ou exilados e as atividades radiofônicas ideologicamente reorientadas. O serviço prestado pelo MEB foi minimizado e estancado, sendo substituído pelo Projeto Minerva, programa radiofônico educacional com perfil tecnicista e acrítico, regulado pelo Regime. Como consequência houve o rompimento da parceria entre o Governo Federal e a Igreja Católica e a consequente contenção das atividades do MEB, o redirecionamento de suas atividades e de seu campo de atuação.

O MEB foi perdendo as características adquiridas no período de 1962/1964, passando por um período intermediário de modificações na sua orientação (1964/1966), até poder voltar a receber apoio oficial e integrar-se posteriormente no programa nacional lançado pelo governo em 1970 (PAIVA, 2015, p. 310).

Diante das tensões advindas do momento político e das novas orientações dadas ao movimento, a progressiva retração do MEB foi inevitável. Isso reverberou

no fechamento de unidades mais antigas, como as de alguns Estados da região Nordeste e a expansão em Estados do Norte brasileiro, já que não tinham experienciado o movimento antes e aceitariam com mais fluidez o redirecionamento das atividades nesse outro contexto (PAIVA, 2015).

2.1 A EXPERIÊNCIA DO MEB NO SERIDÓ POTIGUAR

O MEB deixou seu legado no interior brasileiro, como no município de Caicó/RN. A inauguração da Rádio de Educação Rural de Caicó, em 1º de maio de 1963, foi um grande acontecimento, proporcionando desenvolvimento e informação a toda região do Seridó. Com o desejo de proporcionar educação e evangelização aos homens e mulheres do campo, povo sem oportunidades educacionais e sem perspectivas de participação política e cidadã na sociedade, a Rádio Rural de Caicó fez parte do projeto de expansão das Rádios Rurais no Estado, idealizado e financiado pela CNBB, que expandia esse projeto pelas regiões Nordeste, Norte e Centro-Oeste brasileiras (ARAÚJO, 2013).

A história da Rádio de Educação Rural de Caicó se confunde com a do MEB no município, já que a rádio foi criada com o objetivo primordial de transmitir as aulas ao povo seridoense, em especial, do campo, como o próprio nome sugere. Nas palavras do Bispo Diocesano, na ocasião da primeira transmissão do programa *EJA em Ação*, ratificamos essa ideia.

[...] A Rádio Rural tem esse nome justamente porque quando ela surgiu na década de 60, em 63, teve como objetivo o de ser uma Rádio Educadora para atingir o homem e a mulher do campo através de programas radiofônicos. Imagine quanto tempo depois nós estamos agora, por outro contexto, fazendo programas radiofônicos, claro com outras tecnologias, mas eu acho que isso é importante. É a Rural voltando à sua função primeira. Não é à toa que a mantenedora da Rádio Rural é a Fundação Educacional Santana, porque esse foi o espírito da fundação da Rádio: que trabalhasse a educação e a espiritualidade. (D. Antônio Carlos, Bispo Diocesano, programa *EJA em Ação*, 15 de abril de 2020) [Arquivo pessoal da pesquisadora]

Apesar da rádio ter sido inaugurada em maio, as aulas radiofônicas só se iniciaram em outubro devido à necessária formação da equipe local do MEB (composta por jovens engajados nas atividades da Igreja Católica) realizada pela Equipe Nacional e para o planejamento das aulas era necessário o conhecimento da realidade local, e isso demandava tempo.

O conteúdo das aulas e dos materiais eram extraídos dos cotidianos vivenciados pelos alunos-ouvintes que evidenciavam as “problemáticas do porte da higiene, da habitação, da vida familiar e comunitária, do associativismo, de eleições, do treinamento profissional e do crescimento espiritual, dentre outros” (MEDEIROS, 2013, p. 37).

Com base na metodologia freireana, eram escolhidas palavras e temas geradores significativos e afetivos naquela localidade, que serviriam como elementos didáticos articuladores no processo de alfabetização. Nesse cenário, podemos compreender que o currículo construído pela ação do MEB tinha preocupação com a emancipação e libertação do povo sertanejo, em especial, campestre – parcela da população explorada, em situação de negação de direitos. Desse modo, o fomento ao pensamento crítico se traduziria nas possibilidades de vida digna para aquelas pessoas, possibilitando o exercício cidadão e participação social.

Os movimentos curriculares do MEB incitam reflexões sobre os currículos que permeiam os cotidianos dos sujeitos escolares na contemporaneidade. Oliveira (2019) nos subsidia esse exercício reflexivo, considerando os currículos enquanto criações cotidianas, em que o fazer escolar se desdobra em lutas pela inserção, visibilização e legitimidade dos saberes populares.

À medida que o trabalho fluía, surgiam novas demandas a serem pensadas e atendidas, de modo que os programas radiofônicos foram criados com o objetivo de minimizar as “lacunas educacionais” e manter um canal de diálogo mais estreito com monitores e alunos-ouvintes. Dessa maneira, “[...] constituía-se um fórum vivo de diálogo entre a rádio, a equipe local do MEB, monitores e alunos” (MEDEIROS, 2013, p. 55), num movimento dialógico e de construção colaborativa.

O trabalho do MEB, recém iniciado no Seridó, sofreu alterações devido ao início do Regime Militar em 1964, a exemplo de todo o país. Em 1966, mediante o cerceio dos recursos oriundos do MEC e o controle da censura, a ação do movimento precisou se readaptar para continuar atuando na região. Sentindo a retração da rádio escola e a perda de alcance das ações educativas, o MEB continuou desenvolvendo seu trabalho sem abandonar o formato questionador, criando maneiras de subverter a vigilância do Regime Militar, como na criação do trabalho comunitário e no fomento da criação de grupos juvenis e sindicatos rurais. “[...] Na segunda fase do MEB, já na década de 70, se abandonam as escolas radiofônicas e assumem os cursos radiofônicos – novo módulo programático da Emissora de Educação Rural” (MEDEIROS, 2013, p. 63).

Como percebemos, mergulhando nos escritos históricos, a atuação do Movimento de Educação de Base foi se modificando no intuito de permanecer ativo diante do cenário político instalado no Brasil. Ao longo das décadas, o MEB foi perdendo suas forças e ao mesmo tempo resistindo e insistindo na Educação de Jovens e Adultos, ancorada nas premissas da educação popular e no ideal de liberdade e conscientização do povo menos favorecido. Apesar de já não atuar mais em solo seridoense nos dias atuais, tendo encerrado suas atividades na década de 1980, o MEB plantou sementes que germinaram a coragem e vontade de transformação social que perdura por gerações. Desse sentimento, nasce o programa *EJA em Ação*, com toda potencialidade e engajamento herdados daquele tempo, com o apoio da mesma rádio que assistiu ao alvorecer educacional e crítico-político do povo sertanejo.

2.2 PROGRAMA *EJA EM AÇÃO*: OS CURRÍCULOS *PENSADOS PRATICADOS* QUE SE ESPRAIAM NAS ONDAS DO RÁDIO

Chegamos à história de um passado recente em que o rádio, artefato tradicional nos lares seridoenses e potiguares, retoma seu protagonismo se tornando o meio mais viável de educação aos menos favorecidos, inclusive, aos estudantes camponeses. Como se voltando às origens, ao sentimento de luta costurado por ideais de politização e consciência do povo através da educação, o programa *EJA em Ação* foi idealizado com propósitos humanitários e concretizado a partir do trabalho colaborativo entre professores e outros profissionais da educação que juntos aos estudantes, construíram alternativas educacionais possíveis em tempos incertos.

Na tentativa de narrar essa história a partir dos sentimentos e percepções de quem nela mergulhou profundamente nos documentos e legislações produzidos naquele tempo, além do que ficou registrado nas redes sociais e que ainda é possível ser resgatado, tecemos redes de compreensões e iniciamos a escrita dessa experiência enxarcada de emoções, (re)sentindo os medos, angústias e tensões próprias da fragilidade humana, no intuito de aproximar o presente ao passado no qual lembramos, aprendemos e reinventamos.

No último dia do ano de 2019, na China, foi registrado o primeiro caso no mundo de uma nova síndrome respiratória viral aguda. A partir desse anúncio, instantaneamente, iniciou-se a proliferação da doença em escala planetária e o rastro catastrófico de mortes e casos graves, principalmente em idosos e pessoas com comorbidades, multiplicavam-se.

Em fevereiro daquele mesmo ano, o Brasil constatava o primeiro caso da doença e em 12 de março era divulgado o primeiro caso no Estado do Rio Grande do Norte. A partir daquele momento o Governo do RN, com base nos estudos do comitê científico formado para gerenciamento e análise do cenário pandêmico, passou a decretar medidas no intuito de minimizar a crise como explícito no Decreto nº 29.524, o primeiro a dispor sobre o isolamento social e fechamento das unidades escolares, sucedido por outros decretos e portarias publicadas durante todo aquele ano.

Nesse sentido, os profissionais da educação iniciaram as articulações com os estudantes e suas famílias para que os processos escolares não estancassem, buscando alternativas nos aplicativos que funcionavam com o uso da *internet*.

A preocupação com os estudantes da EJA emergia do conhecimento de suas possibilidades sociais e econômicas, quase sempre ocupando às margens, excluídos historicamente das oportunidades educacionais. Nessa conjuntura, a ideia das aulas radiofônicas emergiu em um movimento inspirado nas lembranças afetivas e vontade política-pedagógica, em que os trabalhos desenvolvidos pelo MEB e pelo professor Paulo Freire em Angicos, aspiravam novas proposições e reinvenções.

Como um *inédito-viável* (FREIRE, 2019), o programa *EJA em Ação* nasce como um raio de esperança no amanhecer seridoense, como projeto coletivo humanitário, repleto de expectativas e solidariedade.

Desde o início, todo o trabalho foi pensado de maneira colaborativa e, consoante a esse processo, foi necessário reunir os professores virtualmente para sensibilizar a participarem dos encontros. O que foi planejado inicialmente, dava-se

pelo intermédio dos *círculos de cultura* (virtuais!) a serem desenvolvidos em diversos momentos no projeto: no planejamento, na prática radiofônica, nas escolas, fosse por meio dos aplicativos com uso da *internet*, por cartas ou pelo material impresso e também na avaliação.

Pautados na compreensão de que os *círculos de cultura*, enquanto dinâmica de grupo comum nos movimentos de cultura popular, “[...] guardam em comum um desejo de dissolução dos modelos hierarquizados antecedentes e de democratização da palavra, da ação e da gestão coletivizada e consensual do poder” (BRANDÃO, 2010, p. 69), desejava-se instaurar esse movimento nas relações que se constituíam no projeto. Compreendemos com a abordagem freireana, que a horizontalidade estabelecida em um círculo pressupõe o diálogo, a legitimação de saberes diversos e a visibilização dos sujeitos em movimento. Esses *círculos* também transcendiam o trabalho de escolarização, servindo de dinâmica nas formações de professores e nas conversas estabelecidas com os profissionais de diversas áreas que se juntavam ao grupo de professores radiofônicos, em alguns momentos.

No contexto de medo e incerteza causados pela COVID-19, observou-se um movimento de mobilização dos professores para que enfrentassem o desafio das transmissões radiofônicas, já que não possuíam a devida formação nem familiaridade para uso dessa tecnologia como instrumento de trabalho pedagógico.

Nesse aspecto, a exemplo das escolas radiofônicas de Natal/RN, “[...] a própria equipe responsável profissionalizou-se nas técnicas radiofônicas na prática, aprendeu fazendo” (CARVALHO; PEIXOTO; PAIVA; AMMANN; CORRÊA, 2009, p. 12). A equipe pioneira desta experiência adquiriu literatura específica no assunto, realizou pesquisas e uniu experiências pedagógicas aos afetos e desejos potencializados pela coletividade.

Nesse movimento, destacam-se o apoio e a articulação da direção e equipe da 10ª DIREC, do Governo do Estado e da Emissora de Educação Rural de Caicó que apostaram no potencial do projeto e viabilizaram seu desenvolvimento e transmissão.

Compreendendo que na EJA o fator tempo é primordial, pois historicamente são percebidos altos índices de abandono e evasão/expulsão escolar, o que poderia ser intensificado em tempos pandêmicos, foi necessário estruturar minimamente o programa para iniciar as transmissões. Em cerca de quinze dias de trabalho intenso, o programa foi ao ar com uma proposição inacabada, intencionando ir se construindo metodologicamente pelo trajeto, percorrendo caminhos a partir de decisões coletivas e experimentando maneiras diversas de condução.

No contexto aludido houve deflagração de greve pela categoria, que exigia o pagamento imediato do reajuste de 12,84%, referente ao piso salarial no início de março de 2020. Esse foi um elemento dificultador da adesão dos profissionais ao empreendimento radiofônico. No entanto, algumas reuniões foram realizadas com os professores que se disponibilizaram a participar; e foi formado um grupo com cerca de sessenta profissionais, dentre eles, professores da rede municipal de Caicó/RN e outros sujeitos inseridos nas escolas. Desse contingente, as pessoas migraram para grupos específicos formados segundo as áreas do conhecimento em que atuavam. Cada grupo se responsabilizava pela elaboração e execução de um dia de programa semanal. Por exemplo: o “grupo de Exatas, Ciências e suas tecnologias” era composto por professores de Matemática, Física, Química, Biologia e áreas afins, além de outras

peças que se identificavam com essas áreas, sendo da responsabilidade desse grupo o programa da quarta-feira. É importante observar que a composição dos grupos não se restringia a profissionais específicos, sendo aberto a outros professores de áreas distintas e a pessoas interessadas.

A organização do programa se dava por meio de grupos no aplicativo *WhatsApp* e por reuniões via *google meet*, de operacionalização recém aprendida. Criou-se o grupo da coordenação geral, dos coordenadores de área e dos professores por área do conhecimento. O primeiro era formado pela direção da 10ª DIREC, a coordenação pedagógica, assessoria da EJA, coordenação de Educação Especial e pela equipe de comunicação, o qual tinha a incumbência de articular os demais grupos, pensar nos processos formativos e realizar as pesquisas e levantamento dos temas geradores, além de firmar parcerias externas com universidades e outros atores sociais. No segundo grupo estavam os assessores pedagógicos da 10ª DIREC, distribuídos conforme suas áreas de formação, o qual deveria orientar os grupos de professores no planejamento do programa, debater assuntos e produzir, coletivamente, o *script* e o preenchimento do instrumento de avaliação. De acordo com o manual do programa,

O grupo de trabalho composto pela coordenação geral, coordenadores de área, professores, coordenadores pedagógicos, apoios pedagógicos e demais profissionais das escolas e profissionais convidados, que se dispuserem a participar, deverão se reunir, periodicamente e virtualmente, para planejar os programas diários, realizando os registros nos instrumentos próprios, inclusive contabilizando a carga horária de trabalho e planejamento (Manual do programa *EJA em Ação*, 2020). [Arquivo pessoal da pesquisadora]

A divisão dos grupos se dava por afinidade e formação/atuação dos professores. Estavam divididos por programas nas áreas de: Temas Sociais; Humanas; Exatas, Ciências e suas tecnologias e Linguagens. Distribuídos nos dias da semana, de segunda a sexta-feira, o primeiro tinha a incumbência de sensibilizar os estudantes a partir do *tema gerador* (FREIRE, 2019) escolhido para os outros dias de programação, sempre abordando criticamente e problematizando a temática escolhida. Nos outros dias, os grupos planejavam suas áreas com base no *tema gerador*, abordando os conteúdos formais, dialogando com os saberes populares, reservando a sexta-feira para gincana de revisão e, posteriormente, para formação de professores. Nessa diversidade de saberes, o cotidiano era problematizado e os conhecimentos do povo eram valorizados e legitimados.

Nesse aspecto, o programa se aproxima de como trabalhavam as turmas de pós-alfabetização das antigas escolas radiofônicas de Natal/RN que pautavam

[...] o planejamento das aulas a partir de uma unidade temática mensal, relacionada com a vida do meio rural, motivando monitores e alunos a debaterem questões sobre situações concretas por eles vivenciadas (CARVALHO; PEIXOTO; PAIVA; AMMANN; CORRÊA, 2009, p. 57).

Apesar do programa *EJA em Ação* ter surgido em outro contexto e com objetivos diferentes daqueles tempos, compreendemos as semelhanças curriculares que brotam, nos casos citados, das raízes da educação e cultura populares. Curiosamente, esse empreendimento parecia não ter a intenção de alfabetizar o povo, já que não havia possibilidade de acompanhamento presencial dessas turmas e nem as famílias, quando existentes, dispunham-se a realizar a monitoria.

Os caminhos curriculares do programa partiam de seus próprios *pensantespraticantes*, apesar de reconhecer a limitação de participação dos estudantes que não tinham acesso ao formulário do *google forms* e, portanto, não opinavam.

A seleção do conteúdo programático era feita conforme o tema do programa, consoante a ideia da importância da participação de todos, conforme assevera Freire (2019, p. 121).

[...] O conteúdo programático para a ação, que é de ambos, não possa ser de exclusiva eleição daqueles, mas deles e do povo. É na realidade mediatizadora, na consciência que dela tenhamos, educadores e povo, que iremos buscar o conteúdo programático da educação. O momento desse buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade.

A dinâmica do programa era atravessada por diversos *círculos de cultura*, desde o planejamento até a avaliação, em que os envolvidos no programa do dia se ocupavam em preencher o *script*, de acompanhá-lo e, pós-programa, avaliá-lo. Durante o programa, esse roteiro servia como um suporte de condução, não necessariamente a ser seguido à risca. Havia liberdade para criação, conversas que tomavam rumos imprevistos, inclusive, devido à falta de experiência com o ambiente radiofônico, às vezes, extrapolava-se o horário cedido pela Rádio Rural: 50 minutos diários. É importante enfatizar que a Rádio não cobrou honorários à 10ª DIREC para que o programa funcionasse, resgatando as premissas de Roquette-Pinto.

Comumente, no grupo de Temas Sociais, estavam presentes assistentes sociais, psicólogos, militantes de movimentos sociais, representantes da comunidade LGBTQIA+, estudantes, professores e outros atores sociais. Nesses círculos, percebia-se a presença da cultura e da arte: o cordel, a poesia, a música, representadas, comumente, pelos artistas locais.

A ideia era que o animador/mediador fosse se formando na prática cotidiana do “fazer rádio” e, ao mesmo tempo, encorajando os demais colaboradores de cada grupo a assumir as transmissões de suas respectivas áreas. Todo conteúdo deveria ser problematizado e essas questões eram registradas como produto de reflexão dos grupos. Os encaminhamentos eram traçados no intuito de subsidiar o trabalho dos demais professores, inclusive daqueles que não participavam dos grupos, mas que utilizavam os programas em seu planejamento.

O momento de avaliação foi importante para a reflexão da prática radiofônica escolar. Assim, em cada *círculo de cultura*, pontuava-se questão por questão do

instrumento, observando se os objetivos haviam sido atingidos e o que era preciso melhorar. E, por fim, os professores que utilizavam o programa com os estudantes funcionavam como termômetro, já que no início as interações diretas dos estudantes, no programa, eram tímidas.

A primeira transmissão do programa aconteceu no dia 15 de abril de 2020, às 19h, diretamente dos estúdios da Rádio de Educação Rural de Caicó. A equipe exalava apreensão e alegria diante do desafio posto, afinal, apesar da consciência de que não se produzia nenhuma novidade, havia a consciência da reinvenção e que com essa iniciativa era possível oportunizar a continuidade dos estudos dos mais vulneráveis.

Os programas, em 2020, foram transmitidos diretamente dos estúdios da Rádio de Educação Rural FM na frequência 102.7 e, com o avanço do vírus, parte da equipe e convidados ficavam no estúdio e a outra participava via plataforma *zoom*, aplicativo de videoconferência. Essa tecnologia possibilitava a participação de pessoas de qualquer lugar do mundo, desde que conectada pela rede da *internet* e oportunizava assistir ao programa com imagem, desde que acompanhado pelo *Facebook* ou *Instagram* da 10ª DIREC. Também havia os números de *WhatsApp* da própria emissora e da 10ª DIREC disponibilizados para interação com os estudantes, professores e demais ouvintes.

A proposição do programa seguia as orientações da SEEC de ensino remoto emergencial, diferindo da Educação a Distância (EaD), que exige aparatos tecnológicos acessíveis a todos que garantam minimamente as condições necessárias para a aprendizagem, conforme explicita a Portaria-SEI nº 184.

No entanto, caso a escola não apresentasse condições em aderir ao ensino remoto, a referida portaria orientava aguardar o planejamento de um novo calendário letivo, com reposição de carga horária, como explicitado a seguir:

[...] na impossibilidade de acompanhar os estudantes nesse período de suspensão de aulas presenciais, com atividades não presenciais, as Unidades Escolares devem aguardar as orientações para reposição dos dias letivos, após o período de isolamento social e de negociações sobre o novo Calendário Escolar na Rede Estadual. No processo de reorganização do novo calendário, é possível a ampliação da carga horária diária com a realização de atividades pedagógicas não presenciais (mediadas ou não por tecnologias digitais de informação e comunicação) concomitante ao período das aulas presenciais (RIO GRANDE DO NORTE, 2020).

Essa medida foi recebida com aparente preocupação nas escolas da EJA, já que o perigo iminente de evasão/expulsão escolar estava anunciado. A distância entre a escola e o estudante, não apenas física, mas pedagógica, poderia representar altos índices de abandono sem perspectiva de recuperação na volta das aulas presenciais, caso alguma escola não aderisse ao ensino remoto. Esse fator pode ser elencado como dificultador da ação radiofônica, ao se considerar essa não-obrigatoriedade da ação pedagógica, sendo necessárias reuniões de sensibilização para novas adesões do professorado ao projeto.

Pouco tempo em que o programa estava no ar, a equipe passou a receber devolutivas de pessoas que não estavam matriculadas no ensino formal, mas que ouviam o programa. A abrangência do sinal da Rádio de Educação Rural de Caicó compreende toda a região do Seridó e parte do sertão paraibano e, pelo sistema de rádios digitais, seu alcance é inimaginável. No entanto, a preocupação era chegar aos estudantes e, para isso, aproveitava-se o envio dos *kits* alimentação que a escola distribuía para envio de uma carta, convidando a participarem da iniciativa. Esses *kits* foram adquiridos durante o período pandêmico com os recursos da merenda escolar e todos os estudantes matriculados tiveram direito e os retiravam nas escolas, com datas e horários agendados, conforme os protocolos sanitários.

Além dessa estratégia, as escolas buscaram fazer contato telefônico ou ainda mandaram recados por vizinhos ou familiares para os estudantes, conseguindo lograr êxito em algumas localidades. Com o trabalho do programa avançando, recebiam-se convites para entrevistas na mídia escrita e falada sobre a experiência que reavivava os princípios do MEB e da educação radiofônica no Seridó. Outros municípios e estados passaram a desenvolver iniciativas semelhantes, com públicos diferenciados, mas com o objetivo de alcance dos excluídos do mundo digital para continuidade dos estudos. Os estudantes começaram a participar dos *círculos de cultura* virtuais das áreas de conhecimento como convidados e, aos poucos, alguns aceitaram, com empolgação e curiosidade, a mediação do programa.

Na perspectiva da inclusão, havia a preocupação com os estudantes com deficiência e os privados de liberdade. Apesar de inúmeras tentativas, não foi possível sensibilizar nenhum tradutor de Libras da 10ª DIREC que desenvolvesse esse trabalho, tornando-o inacessível aos estudantes surdos, considerando que naquele momento, o trabalho era facultativo. No entanto, com a orientação da coordenação de Educação Especial, passou-se a realizar a áudio descrição do ambiente para os estudantes cegos, atendendo, parcialmente, às necessidades especiais dos estudantes/ouvintes do programa.

Na educação prisional logrou êxito através da ação denominada “Cartas Fonadas”. De iniciativa da coordenação do CEJA Senador Guerra, os professores gravavam vídeos, em formato de cartas e enviavam aos estudantes privados de liberdade, orientando-os a assistirem os programas gravados e a realizarem as atividades relacionadas. Em contrapartida, os estudantes escreviam cartas com suas percepções e realizavam os exercícios para posterior avaliação. Assim, o direito à educação foi garantido no interior do presídio e do sistema socioeducativo.

O último programa *EJA em Ação* de 2020 foi transmitido no dia 5 de dezembro daquele ano, encerrando-se o ano civil com a produção de 125 programas, devido à proliferação do novo Coronavírus nos estúdios da Rádio de Educação Rural de Caicó. Essa situação motivou a diretoria da 10ª DIREC a construir o projeto do estúdio de rádio na própria sede, sendo inaugurado pela governadora do Estado do RN Fátima Bezerra, em 5 de agosto de 2021. Assim, o programa passou a ser realizado no interior da própria 10ª DIREC, na Rádio Educacional Lucinete Costa, criada com a finalidade de preservar a vida de professores, estudantes e demais colaboradores que protagonizavam o programa, em cadeia com a Rádio de Educação Rural. É importante destacar que houve um recesso em julho para a transmissão da festa da padroeira do município e que, no retorno das atividades radiofônicas, o programa passou a ser realizado em três dias por semana, atendendo às demandas dos professores que estavam conciliando as atividades radiofônicas e outras, exigidas pelo trabalho

remoto. A realização dos programas também se condicionava à programação da rádio, sendo suspenso em dias de transmissão de missas e/ou eventos católicos.

Nesse percurso, algumas tensões coexistiram produzindo abandonos da ferramenta radiofônica, como professores que se desentenderam nas escolhas dos assuntos a serem abordados; a contabilização da carga horária não computada como esperada, desmotivando os professores a continuarem no projeto já que, em 2021, o calendário letivo se prolongou para atingir o estipulado pela Lei.

Diante dessa avaliação, a 10ª DIREC decidiu redirecionar o formato do programa em 2021 no intuito de motivar a participação de todas as escolas que ofertavam a EJA em sua circunscrição. A ideia foi visitar cada escola, apresentar o projeto do programa e organizar um cronograma com todas elas, em que os professores se responsabilizariam pela elaboração e desenvolvimento das atividades radiofônicas, articulando seus próprios estudantes para isso. Nessa nova perspectiva, os grupos de *WhatsApp* foram dissolvidos ou inativados, e os planejamentos ficaram limitados aos professores de cada escola. Também foi estratégico tentar firmar, mais uma vez, parcerias com os municípios em que a Secretaria de Educação e Cultura de Caicó tentou se engajar, não logrando êxito a longo prazo.

Os primeiros programas foram mediados pelos próprios professores que conseguiram manter a proposta do *círculo de cultura*, apesar de já demonstrar indícios de direcionamento de conteúdos programáticos advindos do livro didático. O movimento antes vivenciado de consulta dos *temas geradores*, foi interrompido como vinha sendo feito, e as escolas passaram a eleger o mais adequado para sua realidade localmente. Com o tempo, o programa foi se limitando a informar as atividades que as escolas estavam desenvolvendo e os *círculos de cultura* enfraqueceram, distanciando-se de seus objetivos primeiros.

Vale ressaltar que no ano de 2021 foram exibidos 55 programas e, a partir do dia 17 de maio de 2021, também havia a transmissão pelo canal do *YouTube* da 10ª DIREC, no intuito de maior alcance e visibilidade do programa a pessoas que não tinham a 10ª DIREC em suas redes sociais.

É válido destacar também que o programa *EJA em Ação* gozou do reconhecimento do Governo do Estado do Rio Grande do Norte na pessoa da governadora Fátima Bezerra, que externou planos em torná-lo uma política pública de atendimento aos estudantes da EJA pós-pandemia em um dos programas em que participou. Outras Regionais, como a da cidade de Assú/RN, desenvolveram atividades radiofônicas concebendo o (programa) *EJA em Ação* como referência, as quais foram ofertados suportes iniciais quando solicitado.

O planejamento desenvolvido para a continuidade do programa no período de aulas híbridas se assemelhava às atividades do MEB, em que os professores trabalhavam os círculos de cultura radiofônicos e os *temas geradores* nas escolas, problematizando os conteúdos e acompanhando os estudantes mais de perto. Outra possibilidade foi a de tornar o programa de iniciativa da banca permanente de exames do CEJA Senador Guerra, possibilitando aos inscritos no certame algum tipo de acompanhamento para as provas. Portanto, os professores da comissão permanente de exames seriam os mesmos a produzirem e desenvolverem os programas na rádio, possibilitando essa atividade. No entanto, essas perspectivas não se efetivaram nos meses que se seguiram e o programa caminhou para finalização de suas atividades.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências radioeducativas experienciadas em tempos de pandemia, rememora o legado do rádio nas terras seridoenses em que esse instrumento tecnológico proporcionou o acesso à educação de centenas de sertanejos. Em terras áridas e por décadas esquecidas pelo poder público, o rádio representou a esperança de mudança de vida e acesso à uma vida mais digna e consciente dos direitos que detinham o povo, caminhando para a libertação pelas veredas do pensamento crítico.

A pesquisa conclui que os currículos *pensados/praticados* no programa *EJA em Ação*, inspirados nas escolas radiofônicas de Natal e do MEB, podem suscitar maneiras mais democráticas e significativas de se pensar educação na EJA, com os estudantes protagonizando as escolhas do que aprender e para que aprender a fim de que alcancem seus objetivos e sonhos, por meio da escuta, debate e participação social a partir dos movimentos criados no interior da própria escola, que reverberam no âmbito social.

REFERÊNCIAS

- ANDRELO, Roseane. O rádio a serviço da educação brasileira: uma história de nove décadas. **Revista HISTEDBR Online**, Campinas, SP, v. 12, n. 47, p. 139–153, 2012. DOI: 10.20396/rho.v12i47.8640044. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640044>. Acesso em: 1 mai. 2022.
- ARAÚJO, Ausônio Tércio. (Org.) **Rural de Caicó, 50 anos**. Recife: Oito de Março, 2013.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Círculo de Cultura. *In*: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- CARVALHO, Maria Araújo Duarte de; PEIXOTO, Maria José Teixeira; PAIVA, Marlúcia Menezes de; AMMANN, Safira Bezerra; CORRÊA, Zélia Faria (orgs.). **Escolas radiofônicas de Natal: uma história construída por muitos (1958-1966)**. Brasília: Liber Livro Editora, 2009.
- CONSANI, Marciel. **Como usar o rádio na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- GERMANO, Willington; PAIVA, Marlúcia Menezes de. **Educação popular no Rio Grande do Norte: 1958-1964**. Natal, RN: Governo de Todos: trabalhando pra valer, 2005.
- GÓMEZ, Guillermo Orozco. De “ouvintes” a “falantes” da rádio, o desafio educativo com os novos “radiouvintes” (prefácio). *In*: PRETTO, Nelson de Luca; TOSTA,

Sandra Pereira (orgs.). **Do MEB à WEB: o rádio na educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

HORTA, José Silvério Baia. Histórico do rádio educativo no Brasil (1922-1970). **Cadernos da PUC** (10), Rio de Janeiro: PUC, 1972.

MEDEIROS, Mário Lourenço de. Esteio educativo nos sertões do Seridó. *In*: ARAÚJO, Ausônio Tércio de (org.). **Rural de Caicó, 50 anos**. Recife: Oito de Março Gráfica e Editora, 2013.

MENDONÇA, Valéria Márcia. Educação Popular: Experiências de Rádio-Educação no Brasil, de 1922 a 1960. **Boletim Técnico Do Senac**, 33(1), 28-41. v. 33 n. 1: Janeiro/Abril 2007 Disponível em: <https://www.bts.senac.br/bts/article/view/304> Acesso em: 21/03/2022.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Paulo Freire e Boaventura de Sousa Santos: sobre democracia, educação e emancipação social. *In*: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SÜSSEKIND, Maria Luiza (orgs.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas**. Curitiba: CRV, 2019.

PAIVA, Vanilda. **História da educação popular no Brasil: educação popular e educação de adultos**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2015. RIO GRANDE DO NORTE. Decreto 29.524, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre medidas temporárias para o enfrentamento da Situação de Emergência em Saúde Pública provocada pelo novo Coronavírus (COVID-19). Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Norte.

Disponível em:

http://diariooficial.rn.gov.br/dei/dorn3/docview.aspx?id_jor=00000001&data=20200318&id_doc=677489. Acesso em: 17 de maio 2022.

RIO GRANDE DO NORTE. **Portaria-SEI nº 184**, de 04 de maio de 2020. Dispõe sobre as Normas para reorganização do planejamento curricular do ano de 2020, com a finalidade de orientar os Planos de Atividades e a inclusão de atividades não presenciais na Rede Pública de Ensino do Rio Grande do Norte, em regime excepcional e transitório, durante o período de isolamento social motivado pela pandemia da COVID-19. transitório, durante o período de isolamento social motivado pela pandemia da COVID-19. Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Norte.

Disponível em:

http://diariooficial.rn.gov.br/dei/dorn3/docview.aspx?id_jor=00000001&data=20200505&id_doc=681841. Acesso em: 17 de maio de 2022.

TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou: do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo**. São Paulo: Negócio Editora, 1997.

VELOSO, C. Oração ao tempo. *In*: **Cinema Transcendental**. Brasil: Philips Records, 1979. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HQap2iglhxA>. Acesso em: 04 set. 2022.